

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANTIGAS POPULARES DO MINHO

(Recolhidas em Ponte do Lima)

190

Vou-lhes dar a despedida,
Como o maio deu á flôr;
Quem se despede cantando,
Não leva pena, nem dôr.

191

Pedi ao prado uma rosa,
O prado a rosa me deu,
Feriu-me os dedos raivosa,
E de offendida morreu.

192

O' Rosa, se tu és rosa,
Não me firas e'os espinhos,
Antes me mates Rosinha,
Com os teus ternos carinhos.

193

Deixa-me entrar ó menina,
Lá dentro do teu jardim;
Ver de perto a quecena,
A violeta e o jasmim.

194

D'antes, no tempo d'inverno,
Não havia uma flôr;
Agora não faltam rosas,
Que offereça ao meu âmôr,

195

Rosa branca ou encarnada,
Deixa-te estar na roscira;
Emquanto não estiveres murcha,
Não faltará quem te queira.

196

Cravo roxo á janella,
Logo lhe cahe a semente;
Mais vale morrer d'amores,
Que viver de ti ausente.

197

Menina que vai passando,
Entre n'este meu quintal,
Não tenha medo de mim,
Porque não lhe faço mal.

198

Que agua tão crystalina,
Corre n'aquelle regato;
E' alli que vou banhar-me,

E' alli que a sêde mato.
199

Reparei nos teus cabellos,
Mais lindos que fios d'ouro;
Vi que elles bem podiam,
Para mim ser um thesouro.

200

Tendes cabellos castanhos,
Os olhos da mesma côr;
Feiticeiros dos que mandam,
Que sentem, dizem âmôr.

201

Tendes os olhos pretos,
Embora sejam fataes,
Só por elles estremeço,
Não vejo outros eguaes.

202

Teus olhos são penetrantes,
Que nem fital-os convem,
São meigos são feiticeiros,
E são tyrannos tambem.

203

Os olhos que tens na cara,
São viuvos e matadores;
Os pômos que tens no ceio,
São abrigo de amores.

204

Senti no peito alegria,
Porque li nos olhos teus,
Que de mim tinhas saudades,
Quando me dissecstes adeus.

205

Se me olhas com sorriso,
Para mim abrem-se os céos.
Nem o sol ao meio dia,
Tem a luz dos olhos teus.

206

Eu te peço de joelhos,
Dá ventura a quem te adora;
De beijar teus lindos labios,
Fosse chogada a hora.

207

Menina a tua graça;
Não pode ser igualada;
Não existe em todo o mundo,
Quem seja mais engraçada.

208

Como são longas as horas,
Que passo de ti ausente,
Quando esteu ao pé de ti,
Como as passo tão contentes.

209

De ti ausente não posso,
Ter um momento de gosto,
Vem ao menos à janella,
Mostrar-me teu lindo rosto.

210

Sem o teu amôr menina,
E' bem triste o meu viver;
Mas espero gosar contigo,
O mais faguciro prazer.

211

Tudo quanto o mar encerra,
Tudo quanto a terra cria,
Tudo é nada n'este mundo,
Sem a tua companhia.

212

Eu não sei que sympathia,
Minh'alma contigo tem,
Não me pede o coração,
Se não que te queira bem.

213

As ondas do mar são verdes,
Em todo o campo ha verduras;
Nas faces d'esse teu rosto,
Pintou Deus a formosura

214

Eu perdi a liberdade,
Logo apenas te vi;
Só vivo do teu amôr,
Não posso viver sem ti.

215

Repara meu bem amado,
Olha para o peito meu;
Unamos as nossas almas,
Voêmos ambos ao céu.

216

Prometto de te amar,
Com toda a sinceridade;
Tu me tens por impostôr,
Quando te fallo a verdade.

217

Muito prêzo e estimo,
Tua amavel companhia,
Distante de ti não goso,
Um momento de alegria

218

No alto d'aquella serra,
Ha mattas e ha coelhos;
Aqui me tendes menina,
A vossos pés de joelhos.

219

Recebe os meigos suspiros,
De quem morre por te ver;
E manda tu de lá outros,
Cá estou para os receber.

220

Ahi te mando menina,

Meus suspiros maguados;
Não me posso esquecer,
Dos nossos tempos passados.

221

No tribunal dos amôres,
Eu fui hontem condemnado;
Porque tive a fraqueza,
De te amar demasiado.

222

Quem me dera linda rosa,
A penna tinha-a eu,
Para escrever uma carta,
A quem de mim se esqueceu.

223

Se tivera penna d'ouro,
E tambem papel de prata;
Escreveria a ingratidão
Com que meu amôr me trata.

224

Nunca vi a silva verde,
No telhado da igreja,
Nem mulher com lealdade,
Nem homem que falço seja.

225

Vi agora na montanha,
Uma linda pastorinha;
Dava tudo quanto tenho,
E que ella fosse minha.

226

Fui-me deitar a dormir,
Lá no centro da cidade;
Accordei, achei-me preso,
Captivo, sem liberdade.

227

Não me atrevo a dizer-te,
Que d'aqui me vou embora;
Quem ama como eu amo,
Quando parte sempre chora.

228

Recebo o triste adeus,
De quem está do partida;
Se saudades tambem mattam,
Curta será minha vida.

229

Já é noite o sol é posto,
Meu amôr já cá não vem;
Ou de mim se esqueceu,
Ou outra o entretem.

230

Passai o dia inteiro,
Pela rua a procurar-te;
Sempre triste e pesaroso,
Por não poder encontrar-te

231

Passai pela tua porta,
Só para vor se te via,
Parece que foges de mim,
Não tenho mais alegria.

232

Soube que me eras falsa,
 Porém não me affligi;
 Doitei-me na minha cama,
 Bem descansado dormi.

233

Diz-me cá, ó ingratição,
 Quantos agravos tens meus;
 Sahiste do pé de mim,
 Nem sequer disseste adeus.

234

Fui sentar-me ao pé de ti,
 Fugiste da minha beira;
 Se repetes essa graça,
 Não faltará quem me queira.

235

Eu bem sei a quem tu dizes,
 Que tens paredes mais altas;
 Pois eu digo-te adeusinho,
 Que não sirvo para as faltas.

236

Eu bem sei a quem disseste,
 Que não temes que eu te deixe;
 Pois adeus ó meu menino,
 Pela bocca morro o peixe.

237

Esta noite na esfolhada;
 Ouvi a chula tocar;
 Cantigas de alegria,
 Eu não cessei de cantar.

238

Quem tem amôres não dorme,
 Quem os não tem adorméce,
 Eu não perdia meu somno,
 Por mil amôres que tivesse,

239

Atirei e não matei,
 Oh! mal empregado tiro;
 Oh! mal empregado tempo,
 Que andei de amôres contigo.

240

Passai cedo á tua porta,
 Olhei a ver se te via;
 Mas não tive tal ventura,
 Começou-me mal o dia.

241

Menina vá-se embora,
 Vá para casa dircitinho;
 Olho que ficam mal,
 Ter brinquedos no caminho.

242

Eu bem sei que tens amôres,
 E estavas muito calada,
 Se julgas que me enganas,
 Tu é que estás enganada.

243

Eu bem sei com quem passaste,
 Esta noite no jardim,

Podes enganar os outros,
 Mas não me enganas a mim.

244

A pelle da tua cara,
 E' macia como velludo;
 Chega-a aqui junto á minha.
 Para me esquecer de tudo.

245

Que cara tão feiticira,
 Mesmo cheia de signaes;
 Os boijos que n'ella dei,
 Não me esqueceram jamais.

246

Não te vás já tão depressa,
 Assenta-te ao pé de mim;
 Dormiremos um somuinho,
 N'esta cama de capim;

247

Amores ao pé da porta,
 Tomara eu sempre ter
 Quando não possa fallar-lhes
 Não deixarei de os ver.

248

Estas cantigas de hoje,
 Leva-as o vento suão;
 Tu tens uma sympathia,
 Eu tenho uma opinião.

249

Minhas cantigas bonitas,
 Eu as disse a dois velhinhos;
 Deram tão grandes risadas,
 Quasi foram para os anjinhos;

250

Bem receio que me tenham,
 Na conta de um patêta,
 Desde que tive a ideia,
 De passar por um poeta.

251

Sou um grande massador,
 Deus me fez sem se lembrar,
 Que não fizera ouvidos,
 Que me queiram aturar.

252

Quando tu fores á missa,
 De collete carmesim,
 Não te vás ajoelhar,
 Muito distante de mim.

253

Menina, não so namore,
 Do homem que enviuvou,
 Está sempre repetindo:
 Mulher que Deus me levou.

254

Se tua mãe me não quer,
 Uma praga vou rogar,
 Que sua filha se perca,
 Onde eu a vá encontrar.

255

As pragas que eu te rogo,
Permitta Deus te alcancem,
Que teu coração e o meu,
Na mesma cama descancem.

256

Meu amor foi pr'ó Brazil,
Quiz-me consigo levar,
Mas eu não me animei,
Pr'as aguas do mar passar.

257

Já estou arrependida,
E não me sahe do sentido;
Ninguem sabe o bem que perde,
Senão depois de perdido.

258

Por aquella serra acima,
Vinte e cinco cegos vão;
Cada cego com seu mêço,
Cada mêço com seu cão.

259

Adeus cidade do Porto,
Adeus ponte dos guindaes;
Eu cá vou para o Brazil,
Adeus, até nunca mais.

260

Hei-de pedir ao coveiro,
Que me enterre na cova,
Mo deixe as unhas da fóra,
Para arranhar minha sogra.

261

Foste dizer mal de mim,
A mais de vinte rapazes;
Em lugar d'um vêem dois,
Olha a falta que me fazes.

262

Eu nunca fui curioso,
Nem tão pouco espreitador;
Mas já sei que correspondes,
As caricias do amor.

263

Na minha terra a rosa,
Brilha ao pé da loura espiga,
E pela vide abraçada,
Verdeja a arvore antiga.

264

O José, ó Josésinho,
Não se vá por ahí além;
As flores do monte seccam,
Que fará quem lhe quer bem.

265

O que eu vos vou dizer,
Já por todos é sabido;
Os passaros querem ar,
E as raparigas marido.

266

Entendo que na mulher,
A pequenez é um dom;
Uns dizem—do mal o menos,

Outros dizem—pouco e bom.

267

A mulher aos quarenta,
E' uma couve espigada;
Que pegue nas suas contas,
Não serve para mais nada.

268

Se os beijos espigassem,
Como espiga o alecrim,
Então tinhas ó menina,
A cara como um jardim.

269

Esta noite sonhei eu,
Que tua bocca beijava;
Acordei beijando o chão,
Apalpei e nada achava

270

Como vaes á romaria,
Traz-me de lá os docinhos,
Dar-te-hei por cada um,
Meia duzia de beijinho.

271

Deixa dêr-te um beijinho,
N'essa face côr de rosa;
Não to faças tão esquiva,
Nem sejas tão vergonhosa.

272

Toda a vez que considero,
Que para casa hei-de ir,
Antes mil vezes queria,
Contigo hoje dormir.

273

Encostei-me á cortiça,
A cortiça amolleceu;
Se te encostares a mim,
O mesmo não farei eu.

274

Menina abre os olhos,
E põe em mim os sentidos;
Olha que tu não encontras,
Como eu muitos maridos.

275

Toma lá este raminho,
Do coração t'ô offereço;
Dá-me em troca um beijinho,
Se vez que eu t'ô mereço.

276

Toma lá esta maçã,
Colhida no men pomar;
Não a tenhas escondida,
Para mais tempo durar.

277

Toma lá esta maçã,
Colhida no mez d'agosto;
E' d'um lado coradinha,
Como a face do ten rosto.

(Continúa)